As aventuras de ZP - O astronauta do pedacinho do céu.

Congo – Odzala - Ngaga - Ano de 2014 – Dia 265

N0° 24.271' E14° 36.269'

8º Capítulo de: À volta do Mundo 2

***Eu tive um amor em Africa - parte V***

*Não há nada de vulgar no caminho que percorro…*

Havia paz na aldeia dos trabalhadores do albergue, onde todos os dias me dirijo para daí iniciar ao caminho com o rastreador de Gorilas - Calvin que agora substituía Gabin que tinha ido de repouso à sua terra – Calvin era o único homem que não rapava o cabelo, e o seu penteado geometral lembrava um desenho animado o que lhe dava um ar infantil; seguindo-o de trás pelos trilhos da selva, poderia fechar os olhos que sabia a onde ele se encontrava – emitia um cheiro forte, próprio, como um animal selvagem, e acentuando a nuvem de odor, um pedaço de mandioca cozida embrulhado numa folha de Marantácea – o pequeno-almoço que ainda não tinha comido - fumegava ainda, no bolso das suas calças. Doris, varria as folhas do chão da floresta de fronte da casa de cinco escuros quartos contíguos com portas independentes viradas para a cozinha - o centro da aldeia, a vassoura levantava uma nuvem de poeira, enquanto que as folhas se acumulavam no pé de uma árvore; era uma mulher jovem de corpo e cara larga onde a luz esbarrava fazendo ricochete, já não era uma excepção entre as mulheres o seu penteado extremamente elaborado onde da testa partiam tranças separadas entre si em intervalos equidistantes e que viriam a desaparecer num espesso negro rabo-de-cavalo. Tinha um riso aberto e atrevia-se a elaborar frases em Inglês que brotavam de uma caverna encerrada por robustas portas de marfim, quando nos cruzávamos, eu ainda não sabia se o que ela transmitia era medo, desprezo ou indiferença, havia outras mulheres onde esse sentimento se tornava mais presente. Nessa manhã como era hábito, a televisão de costas viradas para a cozinha, estava desliga e não havia discussões, o que a mim me pareciam de uma forma geral serem os diálogos entre os trabalhadores do albergue, o povo da aldeia. Havia silêncio o que normalmente aí não havia e era esse silêncio que me transmitia também paz…

Evito pisar nas fezes dos Gorilas que esta manhã aqui passaram e não há tanto tempo atras pois o espesso cheiro almiscarado característico deles ainda paira no ar, e esse sim é cheiro de animal selvagem e é um cheiro que ao contrário do cheiro dos homens, não atrapalha! Também ao contrário da cidade a selva revela-se primeiramente aos nossos ouvidos e ao nossos narizes – som e olfacto, a visão debate-se em saber a onde permanecer e como ler a infinita quantidade de formas e cores verdes aparentemente iguais, pois para os nossos citadinos olhos habituados à geometria, às linhas recta, a multiplicidade de formas vivas – não rectilínias – na selva, é soberana e como tal sentimo-nos desnorteados. Pelo trilho da Floresta sempre verde, chega aos meus ouvidos a voz gutural de um Tauraco - *Corythaeola cristata* o que me leva a procurar nas copas das árvores o seu dono, mais à frente o carinhoso chiar de um invisível esquilo – *Funisciurus sp.* metido entre a espessa vegetação das Marantáceas, ao longe o banzé dos Chimpanzés, e agora por cima da minha cabeça, o alarme dos macacos *Cercopithecus cephus* que parecem piares de aves, o tlintar metálico das rãs arborícolas *Hyperolius sp.* e o variadíssimo canto dos insectos que compõem o pano de fundo da paisagem sonora. A selva não tem um cheiro característico tal como têm outras florestas onde árvores dominantes espalham o seu aroma, na selva os cheiros estão localizados, tal como num supermercado, aqui e ali um cheiro novo, fugaz, único e penetrante.

*Não há nada mais vulgar do que o caminho a onde me encontro…*

Dor, sofrimento, perda, angustia, desespero, loucura …; a esmagadora maioria de nós, humanos, conhece estas palavras, em diferentes contextos e quantidades. A angústia eminente antes da perda que logo em seguida se consuma e a consequente dor, trouxeram-me sofrimento que foi gradualmente crescendo dando lugar ao desespero, e do desespero à loucura é pouca a distância que os separa. Este é o meu itinerário, o mapa dos meus dias, semanas e meses; por aqui deambulo como um vulgar ser humano atirado para o inferno criado pelo amor; sim foi o amor que aqui me trouce! Porque amar é sofrer;! Porque se ama quem não quer ser amado; porque ser-se amado é insatisfatoriamente pouco; porque amando-se se consome o amor, concebido; porque quando se ama não se sabe a onde reside o amor…

Substitui-o uma dor pela outra - a dor de sentir pela dor de não se ser. E espero os sois caírem à minha direita um após o outro, até deixar de ser e sofrer. É-se porque se ama…